

Recebido em dez. 2006

Aprovado em mar. 2007

INDIVIDUAÇÃO E HUMANISMO TÉCNICO EM SIMONDON

SÁVIO LATERCE *

RESUMO

Nossa idéia é apresentar inicialmente a idéia de indivíduo e individuação em Simondon para em seguida, a partir da idéia de individuação técnica, avaliar como é possível perceber em Simondon um humanismo que não se viu teorizado até hoje por quaisquer das múltiplas vertentes humanistas da história da filosofia. É de um humanismo sem centralidade humana (pois fala-se de um homem em simbiose com a máquina), mas que pode ser fortemente emancipador para a humanidade, que será nomeado aqui de humanismo técnico.

PALAVRAS-CHAVE

Indivíduo. Individuação. Simondon. Humanismo. Filosofia Técnica.

ABSTRACT

Our plan for this article is, in the beginning, to present the notions of individual and individuation in Simondon's philosophy. Then, we will try, from the concept of technical individuation, to expose how we see a unique humanism in his work, completely different from any other theory of humanism in the history of philosophy. This singular view will be called here technical humanism.

KEY WORDS

Individual. Individuation. Simondon. Humanism. Technical Philosophy.

* Doutorando em Filosofia na UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ e Professor da UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ - RJ.

Simondon é um pensador muito pouco estudado e quase nada traduzido no Brasil. Essa contingência, que será certamente corrigida com o tempo, nos leva a uma necessidade de começar pelo começo. São dois os conceitos que inauguram sua originalidade filosófica e sobre os quais ele falou por toda a vida: indivíduo e individuação.

De início, podemos dizer que o autor funda uma nova ontologia, que ganhará o nome de ontogênese. Mas qual é a diferença entre o modo tradicional e o seu, renovado, de compreensão do que seja o Ser? A marca distintiva está em concentrar o surgimento dos indivíduos em um ponto de partida prévio e eterno, como a forma em Aristóteles ou o átomo em Epicuro e Lucrecio, ou entender, à maneira de Simondon, que a emergência ontológica se dá de modo genético, relacional e imprevisível. É preciso abolir todo e qualquer *a priori* ou *a posteriori* e concentrar-se em um *a praesenti*. É o que separa a existência de um princípio de individuação no primeiro caso da operação de individuação no segundo.

Tanto o finalismo aristotélico (a forma aí determina o começo, o meio e o futuro dos seres) quanto o acaso epicurista perdem o meio, o processo, e ficam com as extremidades de estruturas definidas anteriormente. Movimento e mudança nesses casos são incorporados ao resultado, no caso o indivíduo, dissolvendo-se aí todo o aspecto transformador que não deveria jamais deixar de ser contemporâneo a ele. Com isso, a ontologia clássica isola de modo definitivo o que é ser e o que é devir. Já na ontogênese, parte-se da mobilidade e a variação acontece *através de* e não *a partir de*. Altera-se assim a

hierarquia de muitas filosofias anteriores, sempre enaltecidas da estabilidade dos substancialismos, que privilegiam começos, fins ou ambos. O devir não é mais percebido como acidente ou estado violento, mas jorro ininterrupto de produção de seres, aliando o nível micro molecular dos indivíduos ao macro do Cosmos. É uma simbiose dentro/fora, em nível de igualdade, não uma relação de chefe/subordinado ou mestre/escravo. Isso retira, de uma só vez, qualquer importância dada a dualismos ou embates dialéticos.

Essa nova postura inverte o nivelamento consagrado que sempre considerou o indivíduo constituído maior que a individuação, ou seja, o andamento em *moto continuo* de constituição. Para indicar explicitamente sua proposta de renovação, Simondon afirma logo nas primeiras páginas de sua obra inaugural, *O indivíduo e sua gênese físico-biológica*, que é preciso “conhecer o indivíduo pela individuação e não a individuação a partir do indivíduo.”¹ Enquanto estamos vivos e para nos mantermos vivos é preciso nos individualizarmos todo o tempo. Somos, em suma, obras abertas. É uma necessidade vital sermos abastecidos incessantemente por novas informações (para nosso pensador forma é informação). A fonte irradiadora é o chamado pré-individual. É ele que produz em nós as múltiplas individuações que experimentamos ao longo da existência. Somos muitos indivíduos emergindo em uma mesma vida, polifásicos, para usarmos uma linguagem própria ao nosso autor. Como o pré-individual é inteiro, sem fases, nossas individuações,

¹ G. Simondon, *L'individu et sa genèse physico-biologique*, p. 22.

sempre parciais, são nomeadas defasagens. Todos temos uma reserva de devir, potenciais a desenvolver. Só que, ao contrário de Aristóteles, os atos não tem prioridade sobre as potencialidades. Temos aí uma inversão. O inatural é entendido como imensamente maior que o atual: o que chegamos a ser ou fazer são uma pequeníssima parte do que podemos chegar a ser ou fazer. Daí vem o alargamento da visão ontológica. O que Simondon chamará de *ser enquanto ser* será mais que um, será o indivíduo mais o pré-individual que o compõe. Isso quer dizer que tudo que vem antes dos indivíduos, ao invés de ser visto, como de hábito, à maneira de falta ou imperfeição, é entendido como fonte, reservatório, central de abastecimento.

Essa união traz tensões criadoras. Abrigamos em nós tendências contrárias querendo se afirmar. As forças da forma e da matéria estão em permanente presença, em choque. É isso que torna o equilíbrio estável, que foi idéia unânime na física por muitos séculos, uma quimera. Aristóteles, fonte filosófica desse entendimento, sempre deixou claro que algo realiza a sua natureza quando alcança a condição de repouso. Simondon vai, portanto, fazer associações com outros parâmetros no campo da física. Estabilidade, como diria a termodinâmica, é o resfriamento final, o horizonte entrópico, a tendência ao zero térmico, ou seja, a morte. A partir dessa visão de mundo, placidez e paz perpétua são concepções impensáveis para o mundo natural. Para escapar dos dualismos, sempre empobrecedores, nosso autor renega também a instabilidade, que remete à decomposição, à impossibilidade total de perseverar. Ao fugir da paralisia

do estável e da dissolução do instável, ele vai falar de metaestabilidade, idéia também herdada da teoria termodinâmica, e que apresenta um novo tipo de equilíbrio, agora dinâmico. Não é mudar ou manter, mas mudar para se manter. Uma demonstração disso é o de uma ponte de concreto, que precisa ser sólida mas não pode ser rígida, pois inflexível à variação dos ventos e às expansões e contrações motivadas pelo calor, ela simplesmente racharia. Isso significa que até o que consideramos mais fixo, compacto e imóvel não pode prescindir de uma certa maleabilidade, um devir mínimo, muito aprisionado, mas presente. Se isso acontece com pontes, podemos imaginar o que se dá quando lidamos com a plasticidade do vivo, que traz inerente a si uma autonomia inventiva, uma *autopoiesis*.

A composição viva é uma permanente recomposição, pois o que temos são dimensões heterogêneas do ser que tornam-se incompatíveis, serialidades opostas que não param de se confrontar. À maneira de Heráclito, “a guerra é o pai de todas as coisas”. Nessas operações de alteração, o passado nunca é perdido, mas alimenta o presente e está tão vivo quanto a memória proustiana. É nesse momento que nos aproximamos do que Simondon aponta como transdução, que Muriel Combes, em seu livro, *Simondon: Indivíduo e coletividade*, define como “o modo de unidade do ser através de suas diversas fases, suas múltiplas individuações.”² As camadas criadas anteriormente são bases para novas invenções, tal como degraus de uma escada. No exemplo extremo da vida presente nos

² M. Combes, *Simondon: Individu et collectivité*, p. 15.

cristais, temos a expansão transdutiva que se processa em estágios crescentes a partir da água-mãe original.

Quando Simondon fala de indivíduo ou individuação podemos ter a falsa impressão de que ele está produzindo uma antropologia. Isso é desmentido em vários momentos. O conceito de individuação atingirá diferentes domínios, como matéria, vida, espírito, sociedade e objetos técnicos, alcançando respectivamente diferentes regimes: o físico, o biológico, o psíquico, o coletivo e o técnico. Por fim, remetendo-se à própria filosofia e ao seu movimento criativo permanente, o autor vai posicionar o pensamento como mais uma das modalidades da individuação. Um aspecto curioso é que apesar de recusar uma centralidade humana, acreditamos que é possível falar de uma perspectiva humanista em sua filosofia. Simondon vai promover uma completa reformulação da idéia tradicional de humanismo, que vem da *pólis* dos sofistas, passa pela Renascença e dá ao homem a condição de protagonista diante do mundo que o envolve. Temos aí um homem que começa a se colocar como dominador da natureza a partir das suas produções instrumentais. Se o primeiro vislumbre é grego, o ápice desse processo será atingido nos séculos XVII e XVIII. Não é essa visão humanista, que ganha forma acabada no idealismo cartesiano, que será defendido por nosso autor, que o considera escravizador e finalista. Ele vai, ao contrário de todos os outros posicionamentos anteriores, falar de um humanismo sem qualquer sombra de antropocentrismo. Sobre isso, ele afirma em outra obra decisiva, *Sobre o modo de existência dos objetos técnicos*: “A máquina é somente um meio; o fim é a

conquista da natureza, a domesticação da natureza: a máquina é uma escrava que serve para fazer novos escravos.”³

Na linha humanista que percebemos em Simondon não há qualquer hierarquia entre homens e coisas. Não há sujeitos ativos e superiores e objetos passivos e inferiores. A causalidade é recíproca: os objetos nos modificam, nos os modificamos. Sobre esse aspecto, Muriel Combés nos aponta uma possibilidade de *autopoiesis* técnica: “[...] se bem que inventado (o que o distingue de um ser vivo), e justamente porque inventado por um vivo capaz de se auto-condicionar, o ser técnico é dotado de uma relativa autonomia.”⁴ Os objetos, tal como nós, são reservatórios informativos. Isso estreita o vínculo entre Simondon e Michel Serres, já que para ambos, os indivíduos técnicos são portadores de sentido que emitem, transportam e veiculam informações. É por isso que esses objetos têm muito a nos dizer sobre um determinado grupamento humano. E é exatamente por desconhecer a técnica que os meios culturais a consideram uma terra estrangeira. A idéia aí é que nada que se relaciona à produção humana deveria ser estranho ao homem, pois ele continua em tudo aquilo que cria.

O que Simondon propõe é a aquisição de uma cultura técnica, que haja uma tomada de consciência de que os objetos possuem modos de existência próprios a ser desvendados, ou seja, que apresentam genealogias, evoluções, em suma, individualizações em regime de devir.

³ G. Simondon, *Du mode d'existence des objets techniques*, p. 127.

⁴ M. Combes, *Simondon: Individu et collectivité*, p. 96.

O que interessa nesse ponto de vista são as motivações da criação e da fabricação, não da utilidade. Por isso, o foco de Simondon não se volta para quem é o proprietário da máquina ou o seu operador, mas para o inventor. É essa figura criativa do técnico, simbolizada pelo engenheiro ou filósofo da técnica, que detém a cultura teórica e prática que vai produzir a combinação entre as máquinas e as fará trabalhar em regime de cooperação. Desse modo, seria possível escapar da tendência natural de isolamento dos objetos técnicos, fazendo com que eles alcancem um regime de união que se revela como uma etapa mais complexa e emancipadora para a humanidade: a dos sistemas técnicos. O governo desse processo deve ser apoiado na avaliação das potencialidades próprias das máquinas e não nos seus usos ou finalidades momentâneas.

A relação homem-máquina deve ser de companheirismo, de ajuda mútua e de igualdade de condições, não de dominador e dominado. É, a exemplo de toda amizade real, ao mesmo tempo, um elo tenso e solidário. Solipsismos ou idealismos também são rechaçados terminantemente. Não há gênios isolados, como ilhas, mas toda invenção técnica, além de ser coletiva, pertence a uma linhagem genética de objetos que conta com uma historicidade própria. Ela é uma concentração informativa e vital feita de reflexões, experimentalismos, outros objetos, determinismos inerentes à própria matéria que está envolvida e hábitos culturais de um grande número de indivíduos em uma duração temporal. É nesse sentido que o uso fechado da expressão inanimado perde um tanto a sua significação.

A dicotomia bruto/vivo é mais uma que não se sustenta mais, pois indivíduos técnicos interferem diretamente na composição de outros, o que os faria perder no sentido estrito a sua individualidade e a sua não-vitalidade. A expansão ontológica proposta por Simondon alcança também a técnica. Nesse modo de entender a criação, movimentos da ciência, como a revolução da física moderna, podem ser vistos como uma grande obra coletiva. Tivemos aí uma feliz reunião em que colaboraram personagens como Copérnico, Kepler, Giordano Bruno, Galileu, Newton, Leibniz e outros famosos e anônimos.

Para se pensar em evolução técnica, não podemos pensar em máquinas fechadas e prontas. A ultra-especialização levaria ao aparecimento de subconjuntos isolados, completos e autônomos, o que indica um cada por si não colaborativo, não solidário, ou seja, não evolutivo. Essa situação de alta individualização é nomeada pelo autor como abstração. Ele faz inclusive uma analogia com os vínculos humanos: “[...] as peças [...] são como pessoas que trabalhariam cada uma por si, mas não se conheceriam entre si.”⁵ O avanço técnico, aquilo que nosso autor apontará como concretização, se dá com máquinas de uso múltiplo, aberto, e com capacidade de diferenciação das suas aplicabilidades no futuro. O processo de aprimoramento de idéias, que pode atravessar séculos e que resulta na elaboração de seres e sistemas técnicos, só é possível se houver educação técnica e uma união solidária dos homens entre si e deles com o mundo material. Os diferentes componentes dos

⁵ G. Simondon, *Du mode d’existence des objets techniques*, p. 21.

objetos, que serão chamados de elementos técnicos, devem, ao mesmo tempo, colaborar entre suas diferentes partes para a constituição de um conjunto integrado e também realizar atividades múltiplas para ser possível a articulação com outros objetos.

É seguindo esse raciocínio que Simondon argumenta que o aumento da estrutura ou dos elementos não é absolutamente garantia de um caminho melhor. Pode ser até mesmo o contrário. O inimigo pode estar dentro, já que os componentes constituintes, nesse caso ultraespecializados, podem entrar em conflito e provocar o que autor nomeia de antagonismo funcional. Temos inclusive que pensar que contemporaneamente o progresso dos objetos materiais, em particular os tecnológicos, se dá na via da miniaturização. Assim, mais importante que as funções específicas a ser realizadas, será a compatibilidade das ações realizadas pelos diversos sub-conjuntos. Desse modo, diz o pensador: “existem dois tipos de aperfeiçoamento possíveis: o que modifica a repartição das funções, aumentando de maneira essencial a sinergia de funcionamento e o que, sem modificar esta repartição, diminui as conseqüências nefastas dos antagonismos residuais.”⁶

Um objeto para se concretizar precisa adquirir uma maior coerência interna. E como não há dualismos radicais entre interior e exterior, eles só podem ser pensados quando vinculados a um ambiente. É o que o autor chamará de meio associado. Há aí uma aproximação com a biologia. Tal como o corpo de um tigre do ártico está perfeitamente preparado para

⁶ G. Simondon, Op. Cit., p. 38.

sobreviver às árduas condições climáticas existentes, o objeto técnico, fruto de uma cultura, tem uma completa correspondência com o entorno onde foi criado. Todo o engano de várias filosofias foi apartá-lo desse berço cultural. A diferença no ambiente técnico é que as relações objeto/meio são coordenadas pelo homem. Não há Deus e o diabo aí envolvidos. Uma aplicação técnica pode alienar ou libertar o homem. De acordo com Simondon, a diferença aí será feita por quem detém ou não o conhecimento passado e presente das máquinas e suas relações. Isso significa que a maior abstração (fechamento) ou concretização (abertura) dos objetos terá uma dependência direta com as ações dos seus criadores. É esse tipo de atividade, que envolve homens autônomos que dominam saberes técnicos e sabem o que fazer com ele, que nos possibilita pensar uma aliança entre ética e técnica que levaria a humanidade a um lugar melhor. O que propomos como humanismo técnico de Simondon segue por essa trilha e, a nosso ver, nos ajuda a pensar de modo mais lúcido e menos fatalista o mundo tecnocientífico inescapável no qual vivemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMBÉS, Muriel. *Simondon: Individu et collectivité*. Paris: PUF, 1999 (Philosophies).

MARICONDA, Pablo Rubén e VASCONCELOS, Júlio. *Galileu*. São Paulo: Odysseus, 2006 (Imortais da Ciência).

ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Trad. port.: Antonio Angonese. Bauru: Edusc, 2001 (Coleção História).

SIMONDON, Gilbert. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 1989 (Res L'invention philosophique).

_____. *L'individu e sa genèse physico-biologique*. Grenoble: Millon, 1995 (Krisis).